

## TEMORES

2.0.54

Raul Pilla

“O GOVERNO não pode, não quer e não cogita de golpe, porque está convencido de que t<sup>o</sup>da a sua força decorre da Constituição». Belas palavras são estas que disse o sr. ministro Tancredo Neves. Belas palavras, em que todos desejariam crer. Mas serão de crer tais palavras? Esta é a grave questão.

Se não exprimem o pensamento do sr. presidente da República e não se revestem da sua autoridade, pouco valerão elas, sem menoscabo de quem as proferiu. Pouco importam neste regime pessoal as palavras de um ministro, por mais ilustre; importam, sim, as palavras e, ainda mais, as intenções do presidente, por ser ele quem pode.

Admitamos, porém, o que não é hipótese absurda ou arbitraria, que apenas eco das palavras presidenciais sejam as palavras do ministro. Poderão considerar-se plenamente tranquilizadoras, apesar de tão incisivas? Ai de nós, sr. Ministro! Entre estas suas palavras atuais, semelhantes às que, embora com menor ênfase, outrora se proferiram, e a pessoa egrégia do presidente, levanta-se um fato, um fato histórico cujas desastrosas consequências ainda não se esgotaram: o golpe de Estado de 1937.

E' um precedente, um mau precedente. Precedente remoto, observará o ministro. Sim, remoto, mas constantemente reavivado. Desde que voltou ao poder, não passa mês em que com um discurso, ou um decreto, o sr. Getúlio Vargas não venha inquietar o País. Por isto é que todos temem e desconfiam do credo constitucionalista, tão enfaticamente recitado pelo ministro.

Poderá o sr. Tancredo Neves infundir-nos a confiança que a todos está faltando? Pois faça-o sem perda de tempo. Será muito mais útil que atacar a oposição por não poder confiar.